**MANIFESTAÇÕES EPILEPTIFORMES EM CANINOS**

Silva, Gabrielly de Lima1

**Resumo:** Dentro da neurologia clínica veterinária, as manifestações epileptiformes são consideradas uma das principais causas de atendimento em pequenos animais, especialmente em cães, sendo de grande relevância na rotina clínica. Esses episódios neurológicos representam uma condição recorrente que pode afetar significativamente a qualidade de vida dos animais e gerar grande preocupação aos tutores. As crises epilépticas são caracterizadas por manifestações clínicas originadas a partir de descargas neuronais anormais e hipersincrônicas no cérebro, resultando em alterações estereotipadas, súbitas e paroxísticas de comportamento. A epilepsia pode ser classificada de diferentes formas, sendo as duas principais categorias baseadas na etiologia, ou seja, na causa, e no foco epileptogênico, ou seja, no local de origem da crise no cérebro. As epilepsias idiopáticas ou primárias não apresentam uma causa anatômica ou metabólica identificável, enquanto as epilepsias sintomáticas ou secundárias têm como base doenças estruturais, como neoplasias, encefalites, malformações congênitas ou traumatismos cranianos. No caso atendido, devido à ausência de exames complementares de alta complexidade, como ressonância magnética ou eletroencefalografia, não foi possível realizar uma classificação definitiva da síndrome epiléptica apresentada. As crises epilépticas geralmente são divididas em quatro fases distintas. O período pródromo é aquele que antecede a crise em horas ou até dias, sendo marcado por alterações comportamentais inespecíficas, como inquietação, busca por atenção, vocalização excessiva ou isolamento. A aura ocorre imediatamente antes do início da crise propriamente dita e pode indicar uma crise parcial focal; nesta fase, o animal apresenta comportamentos repetitivos, desorientação e sinais autonômicos. O ictus é a fase da crise em si, quando ocorre a descarga neuronal anormal. Tem duração variável e caracteriza-se por perda de consciência, rigidez muscular, movimentos involuntários dos membros, defecação, micção involuntária, salivação intensa e, por vezes, vômitos. Após essa fase, vem o pós-ictal, um período de recuperação em que o animal pode apresentar desorientação, incoordenação motora, andar compulsivo em círculos, cegueira temporária, hipersensibilidade e polifagia. Esse período pode durar de minutos a dias. O diagnóstico das crises epilépticas deve começar ainda na anamnese, sendo essencial obter o máximo de informações possíveis com o tutor, incluindo a descrição detalhada do comportamento do animal antes, durante e após a crise, bem como a frequência, duração e possíveis gatilhos. Fatores predisponentes, como raça, idade e sexo, também devem ser levados em consideração, pois influenciam na análise da possível causa. Entre os exames complementares mais indicados, o exame neurológico completo é essencial e serve como base para a escolha dos exames adicionais. Os exames laboratoriais, como hemograma e bioquímica sérica, ajudam a identificar possíveis causas metabólicas, infecciosas ou tóxicas. Exames de imagem como radiografias, ultrassonografia, tomografia computadorizada e ressonância magnética são fundamentais para detectar alterações estruturais. Já o eletroencefalograma, embora ainda pouco utilizado na prática clínica veterinária, pode fornecer informações importantes sobre a atividade elétrica cerebral e o foco da crise. O tratamento da epilepsia em cães é feito com diversos fármacos, cuja escolha depende de vários fatores, como frequência e intensidade das crises, idade do animal, existência de outras doenças e resposta ao tratamento. Medicamentos como fenobarbital, brometo de potássio, levetiracetam e outros exigem um controle rigoroso, com monitoramento contínuo, ajustes de dose e exames periódicos para avaliar eficácia e possíveis efeitos adversos. No caso clínico atendido, optou-se por não iniciar a terapia medicamentosa de imediato, já que a frequência das crises era baixa. Essa decisão teve como objetivo evitar o uso precoce de medicação contínua, o que poderia limitar as opções terapêuticas futuras caso o quadro evoluísse. Portanto, o manejo da epilepsia em pequenos animais requer conhecimento aprofundado da fisiopatologia, atenção aos sinais clínicos, diagnóstico preciso e acompanhamento constante. Cada caso deve ser avaliado individualmente, considerando a condição do paciente e os recursos disponíveis. A abordagem adequada é essencial não apenas para controlar as crises, mas também para garantir a qualidade de vida do animal e a segurança do tutor.

**Palavras-Chave:** Cães, neurologia, crise.

**E-mail do autor principal:** [lima.gabrielly@hotmail.com](mailto:lima.gabrielly@hotmail.com)

1Medicina Veterinária, Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Santa Catarina, e-mail: [lima.gabrielly@hotmail.com](mailto:lima.gabrielly@hotmail.com)

**REFERÊNCIAS:**

LEBRE, Filipe Castel-Branco da Fonseca. Manifestações epileptiformes em animais de companhia. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Medicina Veterinária.

MARTINS, Guilherme de Caro. Epilepsia em cães: revisão de literatura. 2011.

NASCIMENTO, Gabriela Silva et al. O USO DE FENOBARBITAL NO TRATAMENTO DE EPILEPSIA EM CÃES. 2023.

ROCHA, Laiz Farnezi da. Gabapentina como adjuvante no tratamento de cães com epilepsia idiopática refratários ao fenobarbital ou fenobarbital associado ao brometo de potássio: revisão sistemática. 2013.